

Resenhas
Books review

Observando o Islã

Karla Cunha Pádua¹

GEERTZ, Clifford. *Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

A edição nacional do livro de Geertz, cuja primeira edição norte-americana data de 1968, representa uma valiosa contribuição para os pesquisadores que buscam referenciais da Antropologia Moderna para entender os fenômenos culturais da contemporaneidade. Este é um dos primeiros livros do autor, portanto, anterior à *Interpretação das Culturas*, obra que exerceu, e ainda continua exercendo, grande influência em gerações de pesquisadores no Brasil.

Neste trabalho, o autor utiliza a abordagem minuciosa e etnográfica dos significados de fenômenos culturais que o tornou famoso, aplicando-a à análise dos processos de mudança religiosa na Indonésia e no Marrocos, países em que desenvolveu a maior parte de suas pesquisas de campo, no período entre 1952 e 1966.

O método comparativo utilizado neste estudo pretende oferecer uma compreensão ampla e integrada do papel das crenças religiosas na vida cotidiana das sociedades estudadas, articulando as singularidades das experiências e os significados compartilhados e analisando sua imbricação com diferentes domínios da vida social.

O autor busca o sentido mais geral dos processos de islamização nos dois países, sem perder de vista as diferenças e variações internas, mas procurando esboçar um esquema geral por meio da análise comparativa. Este esboço, todavia, é construído com base em um extenso trabalho de campo, em ambientes específicos, a partir do qual formula hipóteses e padrões de interpretação social e cultural, na intenção de entender as comunidades locais e também contribuir para uma compreensão mais global da vida humana. Estas interpretações mais gerais da história religiosa do

¹ Professora do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais e doutoranda em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da FaE – UFMG. E-mail: kpadua@brfree.com.br.

Marrocos e da Indonésia, segundo o autor, resultam tanto de conclusões empíricas quanto de premissas teóricas.

No primeiro capítulo, "Dois países, duas culturas", o autor pretende descobrir as crenças e práticas que sustentam a fé religiosa nos dois países e os tipos de aparatos sociais que as apóiam. A idéia principal que orienta a análise é a de que as alterações na vida espiritual e religiosa implicam em transformações nos processos sociais e nos sistemas de significação coletivos, pois "a religião é uma instituição social; a adoração, uma atividade social; e a fé, uma força social" (p. 32). Nesta perspectiva, Geertz busca conexões entre as mudanças nos estilos religiosos clássicos e as mudanças na vida social, provocadas pelo processo de modernização nas sociedades estudadas.

Para isso, segue um caminho metodológico que busca uma seqüência histórica, isola temas conceituais, descreve as especificidades de suas expressões simbólicas e analisa a ordem social em que aparecem. O autor justifica também a opção por um tipo de estudo comparado da religião nada superficial, na medida em que interroga os dados para entender a mudança religiosa, a partir de mudanças sociais e simbólicas. Isto é, para compreender a principal direção da mudança, nos momentos em que as tradições vacilam, analisa as complexas conexões entre uma variedade de imagens, metáforas e conteúdos religiosos e o modo como elas aparecem encarnadas em instituições sociais que classicamente as alimentaram, apontando suas interconexões empíricas. Assim, busca os processos sociais e culturais que abrigam as mudanças em uma nova arquitetura, sem perder de vista o concreto, o particular e o microscópico. Pelo método comparativo, as especificidades de cada país ajudam a revelar o caráter do outro, assim como ajudam a revelar também nossos grandes dilemas contemporâneos.

Neste capítulo, o autor situa as especificidades históricas da identidade social e as marcas deixadas pelo islã nos dois países, que possuem diferenças tão contrastantes. No Marrocos, a civilização islâmica formou-se a partir de um estilo de vida auto-afirmativo, em que a espiritualidade, por meio da devoção aos santos locais (marabus) se funde com a força do caráter e a política do homem forte. Estas características deixaram marcas próprias em um islã que agrega a adoração aos santos, a severidade moral, o poder mágico e a devoção agressiva. Já a Indonésia apresenta um estilo mais introvertido e contemplativo, em que a influência do islã aparece em uma civilização clássica hinduísta firmemente estabelecida, adquirindo, então, características maleáveis, sincréticas e variadas.

Apesar das especificidades locais, nos dois países o processo de islamização produziu uma tensão – que aumentou a variabilidade da sua influência histórica – entre o esforço de adaptar um sistema de crenças e rituais universal, integrado e padronizado às realidades locais e a luta para manter a identidade do islã por meio dessa flexibilidade adaptativa. Este quadro contribuiu para a configuração de uma crise, representada pela diversificação de crenças, por uma forte adesão aos símbolos clássicos e pelo impulso do islã em continuar como força persuasiva, com forma e identidade próprias.

As estratégias utilizadas pelos dois países para enfrentar este dilema também foram diversas. No Marrocos, a resposta principal foi o rigor, o fundamentalismo, a busca agressiva para estabelecer um perfeccionismo religioso e moral, e, na Indonésia, a amplitude, a prudência e o esforço adaptativo, absorvente, pragmático e gradual.

No capítulo dois, “Os estilos clássicos”, o autor volta a defender um estudo comparativo que não reduz a diversidade e nem se afasta dos detalhes concretos, pois acredita que para compreender as diferenças de significado é importante penetrar nos detalhes de cada contexto.

Neste capítulo, exercita tal método, comparando a diferença entre estilos religiosos clássicos através da história de dois personagens: um príncipe javanês do século XVI considerado o instrumento de islamização da Indonésia e um erudito religioso berbere e árabe do século XVII, transformado em santo marroquino. Ambos representam metáforas dos modos distintos de viver a espiritualidade nos dois países.

Por meio dessas histórias, mostra a mudança de crença ocorrendo, na Indonésia, a partir de um estado íntimo autoproduzido e de uma disposição desejada; enquanto, no Marrocos, a partir de lutas, contenção moral de contradições internas e perseguição incansável da verdade pela inquietação, disciplina e mobilidade. Têm em comum, entretanto, a atuação de forças conservadoras diante dos desafios sociais e políticos colocados para a continuidade dos estilos clássicos, embora apresentando características específicas de cada país.

O autor descreve minuciosamente os processos de mudança religiosa, mostrando como os novos símbolos vão se moldando e se adaptando às novas realidades sociais, de maneira tensa e diferente em cada grupo social, que os reinterpreta de acordo com suas condições de vida. No processo de

islamização, os símbolos clássicos não desaparecem, mas se fundem e se unificam aos novos princípios, de maneira diversificada, dando origem a uma multiplicidade de formas locais de fé, cujo resultado é um hibridismo que acomoda tanto o novo como a tradição. Assim, em variadas estruturas sociais e diversos contextos institucionais, processos semelhantes se revelam, sem perder de vista as experiências específicas que deixam suas marcas próprias no desenvolvimento da concepção islâmica de vida em cada país.

No terceiro capítulo, "O interlúdio dos seguidores das escrituras", o autor busca os complexos processos sociais e culturais por meio dos quais o passado e o presente se conectam, mostrando como, na mudança histórica recente, as principais tradições perdem a hegemonia, porém permanecem como orientações religiosas básicas em seus respectivos países. Mostra como o impacto, na cultura clássica, dos processos de dominação colonial, da crescente influência do islã escolástico e de cristalização de um Estado-Nação foi profundo, abalando a velha ordem nos dois países. Ambos caminharam em direção ao islã professoral, porém de modos diversos e exercendo impactos também diferentes. Para entender esta diferença, o autor utiliza novamente as histórias de dois personagens que revelam o modo diverso de enfrentar a transição política, econômica e cultural em suas sociedades, entre o final da década de 20 e o final da de 60 do século XX, mostrando de que modo os estilos clássicos continuam como tradições fundamentais, porém renovados à luz das mudanças sociais mais recentes. O escrituralismo aparece como força poderosa em ambos os países, como forma de aderir ao modernismo, mas trazendo também possibilidades de atuação de forças antimodernas, como o fundamentalismo.

No quarto e último capítulo, "A luta pelo real", o autor defende a abordagem antropológica utilizada, chamada de semântica, por se basear em uma concepção de cultura como constituída de interpretações diversas que ordenam os acontecimentos e a experiência para lhes dar sentido, procurando mostrar também a utilidade do método comparativo para apreender a imbricação entre visões de mundo e estilos de vida (*ethos*). No caso dos padrões religiosos, a análise do autor destaca a atual ideologização da religião como resultado do processo de secularização em curso nas sociedades estudadas e de uma disputa pelo real com outras formas de pensar o mundo. A resposta escrituralista nos dois países recebe marcas próprias: na Indonésia, apresenta a tendência de absorver todos os estilos de pensamento num movimento sincrético amplo; e, no Marrocos, uma

tendência ao perfeccionismo religioso e rigor moral, na intenção de proteger a fé islâmica da contaminação da vida cotidiana. Nos dois casos, todavia, esta resposta não deixa de prestar serviços aos símbolos clássicos na medida em que, na busca de novas estratégias, volta-se para os padrões de crença mais firmemente estabelecidos.

O autor conclui que, no passado, visão de mundo e *ethos* se reforçavam mutuamente e atuavam em conjunto e, hoje, estes aspectos encontram-se dissociados nas duas sociedades. No Marrocos, a disjunção entre as formas de vida religiosa e a substância da vida cotidiana beira à esquizofrenia, e, na Indonésia, todos os aspectos da vida são tocados pelos símbolos religiosos, porém de forma alusiva, abstrata e vazia. Para ilustrar esta análise, apresenta novamente imagens metafóricas poderosas: a de um estudante universitário marroquino que, em viagem de avião para os Estados Unidos, carrega o alcorão em uma mão e uísque na outra, e a de um indonésio, brilhante estudante de pós-graduação em Física e Matemática que tenta fundir, de maneira indiscriminada, as verdades da Física, da Matemática, da Religião, da Política e da Arte em um mesmo esquema analítico informe.

Articulando experiências singulares e processos amplos e gerais, etnografia e método comparativo, cotidiano e totalidade da vida social, a análise antropológica de Geertz, nesta obra, oferece importantes contribuições para as pesquisas atuais da Educação, no momento em que o foco nos processos culturais e na diferença desafia os pesquisadores da área a produzirem uma teorização aprofundada a respeito das conexões e articulações entre as diferenças que acompanham as mudanças da contemporaneidade.

Recebido: 20/02/06

Aprovado: 17/04/06